



EDITORIAL

Mino Carta Vernáculo presidencial

O ex-capitão imprime a sua ameaça na camiseta

Jair Bolsonaro diz ser “Imorrível, Imbroxável e Incomível”. O nosso ex-capitão, como se vê, além de devorado pela demência, está maduro para o Mobral. Certo é que, se houver eleições em 2022, serão ganhas por Lula, para felicidade do povo, lembrado do seu bom governo, conforme afirma o relator da CPI da Covid, Renan Calheiros. Uma contradição se estabelece entre o aviso tão pouco sutil do ex-capitão e a perspectiva eleitoral. Se Bolsonaro se considera como é possível ter estampado na camiseta, cabe perguntar aos nossos perplexos botões o que ele fará para se manter no poder, só falta cantar “daqui não saio, daqui ninguém me tira”.

O temor é mais do que justificado a esta altura do nosso melancólico campeão. A rigor, há um entrave político, social e até moral em relação a este calendário eleitoral ditado pela série de golpes aplicados no Brasil desde a Lava Jato, com o aval dos próprios poderes da República, já que o Brasil consegue ser original nestes seus comportamentos. Está claro, porém, que se o preço da ameaça fatal estaria na aceitação dessas eleições encomendadas pelos golpistas, e pudesse ser livres, é da nossa certeza que, apesar do vício que elas carregam, seriam benvindas na visão antecipada da vitória de Lula, ou de quem quer que seja em lugar do “imbroxável”.

Somos as vítimas ignaras de um atentado praticado ao mesmo tempo contra o País e contra o seu povo e uma tramoia bolsonarista não surpreenderia nestas circunstâncias para impedir o voto. Sabemos que o ex-capitão não serviria para pintar as nossas paredes. Sabemos também, no entanto, que há muitos outros segmentos da nossa sociedade que implicam com o ex-presidente da República. Os militares, por exemplo: que esperar deles caso o risco Lula venha a crescer, enquanto as urnas se preparam para receber os eleitores?

As Forças Armadas, isto ficou evidente nos últimos anos, não apreciam um presidente que se diz conciliador e moderado, embora debaixo dos panos se esconda um comunista. Bolsonaro conta sempre com o apoio dos fardados e pode conseguí-lo numa situação igual àquela desenhada no horizonte. Não há segurança

também quanto à postura de tantos favorecidos pelo governo do ex-capitão, a começar pelos donos das manadas e das plantações de soja, aos quais Bolsonaro, ou “verme”, segundo Guilherme Boulos, dedicou ações decisivas para abrir espaço, como, por exemplo, a tentativa já encaminhada de transformar a Amazônia, pulmão do mundo, em um novo Saara.

Permito-me discordar de Boulos, personagem muito importante do meu ponto de vista. Mas nem todos os vermes vêm para o mal: cuidam de nutrir a terra e, eventualmente, se prestam como iscas de rendosas pescarias. Fica, de todo modo, a afirmação do ex-capitão a respeito de si mesmo neste exato instante. Creio não ser fácil o entendimento das palavras presidenciais por parte de leitores de outros países.

Trata-se de termos absolutamente incomuns no nosso vernáculo. De todos o que mais me chama atenção é “imbroxável”, com aquele *xis* inserido no vocábulo como uma mina vaga pronta a explodir. Grandes escritores já forjaram novos idiomas para melhor expressar as características das suas personagens. Não ouso comparar Bolsonaro com Guimarães Rosa, por exemplo, aquele que inventou algo assim como a língua do sertão.

Se a certeza é a vitória de Lula, que bem venha o pleito de 2022



Sempre poderemos dizer que os vocábulos estampados na camiseta presidencial pertencem à língua criada pelo presidente da República do Brasil. São palavras incompreensíveis a ouvidos

estrangeiros por subentenderem uma verdade por trás delas, ligada à fala dos becos, dos arrabaldes empoeirados, das favelas extravasantes, sem esquecer, naturalmente, dos recantos

ditos mais nobres das residências senhoriais. Em bocas brasileiras, qualquer que seja o nível social de quem fala, a língua é sempre, inexoravelmente, chula. Vulgar. •